



#cm
2
QUINTA-FEIRA

ELA ESCOLHEU NÃO SER APAGADA

Sem artifícios. **Só ele e vinte personagens.** No monólogo **“Eu Sou Minha Própria Mulher”**, **Edwin Luisi** volta ao Rio para ser Charlotte von Mahlsdorf — **mulher trans que sobreviveu ao nazismo** valendo-se de uma única arma: **a recusa em deixar de existir.** Página. 2

Lívio Campos/Divulgação



Edwin Luisi retoma 'Eu Sou Minha Própria Mulher' interpretando mais de 20 personagens: 'Tive de buscar vozes, tipos, tiques, características próprias de cada um'

Ela não escolheu apenas um nome

Em nova montagem de solo premiado, Edwin Luisi volta a dar vida a Charlotte von Mahlsdorf, mulher trans que sobreviveu ao nazismo e à Alemanha Oriental recusando-se a deixar de existir

Lothar Berfelde nasceu em 1928 na Alemanha, filho de um militante nazista que sonhava transformá-lo em soldado. Não funcionou. Charlotte von Mahlsdorf — o nome que ela mesma

escolheu, inspirado na região onde abria seu museu — atravessou os extremos do Terceiro Reich e da República Democrática Alemã (a extinta Alemanha Oriental) e a violência rotineira de um século que insistia em apagá-la. Resistiu. Colecionou relógios, espelhos e roupas de casas destruídas pela guerra. Abriu um museu. Comandou um clube LGBTQIAPN+ no porão do mesmo prédio. Morreu em 2002, aos 74 anos, durante uma visita a Berlim. Em sua lápide, gravaram o nome que ela nunca usou.

É essa vida — densa, contraditória e improvável — que Edwin Luisi carrega sozinho sobre o palco do Teatro Poeira, a partir desta quinta-feira (5), na nova montagem de "Eu Sou Minha Própria Mulher", com direção de Herson Capri. O texto é do dramaturgo estadunidense Doug Wright, vencedor do Prêmio Pulitzer e do Tony por "I Am My Own Wife", construído a partir de entrevistas que o próprio Wright conduziu com Charlotte. A peça começa exatamente aí: com o autor sendo convocado a escrever essa história, relutando, cedendo ao fascínio. Os encontros entre os dois

“Vejo o texto hoje muito mais atual do que na época, porque fala de identidade, resistência, da liberdade de se ser o que se é. Hoje tem muito mais campo pra esse tipo de narrativa, é uma pauta importantíssima em qualquer lugar do mundo”

EDWIN LUISI

são intercalados por memórias e novos acontecimentos que vão transformando progressivamente o olhar de Doug sobre a mulher que decidiu retratar.

O desafio imposto ao ator é enorme: dar voz a mais de vinte personagens, nenhum artifício cênico de amparo, apenas interpretação. Edwin dá voz ao pai de Charlotte, a seu amante, a oficiais nazistas, ao próprio Wright. "Tive de buscar vozes, tipos, tiques, características próprias de cada um", conta o ator.

Esta não é uma reinterpretação da versão anterior — é uma releitura. Equipe parcialmente

renovada, texto atualizado, e um ator que chegou a esse material em outro momento da vida. "Vejo o texto hoje muito mais atual do que na época, porque fala de identidade, resistência, da liberdade de se ser o que se é. Hoje tem muito mais campo pra esse tipo de narrativa, é uma pauta importantíssima em qualquer lugar do mundo. Na época em que montei, essas coisas ainda estavam muito diluídas", reflete Luisi, que acumula décadas de teatro e televisão — ficou mundialmente conhecido como o galã Álvaro de "Escrava Isaura" —, e reúne nesse trabalho prêmios Shell, Mam-

bembe, APCA e o Faz Diferença.

A atualidade da peça não depende de releituras forçadas. Charlotte não é apresentada como heroína, mas simplesmente como alguém que escolheu existir plenamente quando o mundo insistia em negá-la, e que carregou contradições reais: foi internada em clínica psiquiátrica após matar o próprio pai, que a forçara a ingressar na Juventude Hitlerista em 1942; foi libertada com a queda do Reich, mas continuou vivendo sob o peso de leis que criminalizavam sua existência. Sobreviveu construindo, literalmente, um museu a partir dos escombros — objetos recolhidos de casas bombardeadas, memória salva do que foi destruído. A partir dos anos 1970, o espaço virou ponto de encontro da comunidade homossexual da Alemanha Oriental.

Doug Wright, que também assina o roteiro do filme "The Burial" (Amazon Prime, 2023) e os libretos dos musicais "A Pequena Sereia" e "War Paint" na Broadway, construiu para Charlotte uma dramaturgia cuja grandeza está no fato de que a personagem não precisa ser um poço de virtudes, ou mesmo uma vítima. Apenas ela mesma.

A temática do espetáculo segue tão urgente quanto em 1928, quando Lothar Berfelde nasceu numa Alemanha que não sabia o que fazer com ela. E continua assim.

SERVIÇO

EU SOU MINHA PRÓRIA MULHER

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)
De 5/3 a 26/4, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)



Sob a direção de Gabriel Villella, o Grupo Maria Cutia relê o clássico de Suassuna com elementos do Brasil de hoje

Um sertão chamado Brasil

Grupo mineiro Maria Cutia chega ao Rio com um 'Auto da Compadecida' que mistura Suassuna, tropicalismo e a tragédia de Brumadinho

João Grilo nunca envelheceu. Desde que Ariano Suassuna o colocou no mundo, em 1955, esse nordestino miúdo e malandro segue vivo nos palcos brasileiros como se cada nova geração de brasileiros precisasse reinventá-lo para entender algo sobre si mesma. É o que faz o Grupo Maria Cutia nesta encenação assinada por Gabriel Villella que revisita o texto como uma comédia musical de olhar atento sobre o Brasil de hoje, com direito a lama nos figurinos e canções tropicalistas na boca dos atores. O espetáculo estreia nesta quinta-feira (5) na Arena do Sesc Copacabana, marcando a primeira visita do grupo mineiro à cidade.

A parceria entre o Grupo Maria Cutia, fundado em Belo Horizonte em 2006, e Villella, um dos diretores mais inventivos do teatro brasileiro nos anos 1990, resulta numa montagem que passa ao largo da reverência ao mestre paraibano. A fidelidade ao texto de

“Apesar de Suassuna ter escrito a peça há mais de 70 anos, o Auto é uma história absolutamente atual. E a nossa adaptação torna a peça ainda mais contemporânea porque introduzimos no texto acontecimentos de agora, políticos, de comportamento, da nossa sociedade” **LEONARDO ROCHA**

Suassuna está lá, mas a montagem o usa como matéria-prima para uma leitura que introduz referências ao comportamento político e social contemporâneo sem medo de assumi-las. “Apesar de Suassuna ter escrito a peça há mais de 70 anos, o Auto é uma história absolutamente atual. E a nossa adaptação torna a peça ainda mais contemporânea porque introduzimos

no texto acontecimentos de agora, políticos, de comportamento, da nossa sociedade. Isso traz sempre a ideia de que a peça tem uma importância narrativa pra hoje — e também conecta o público mais ainda com a história”, afirma Leonardo Rocha, ator do grupo.

O enredo parte de onde sempre partiu: as aventuras de Chicó e João Grilo começam com o en-

terro e o testamento do cachorro do Padeiro e de sua Mulher, e acabam numa epopeia milagrosa no sertão envolvendo o clero, o cangaço, Jesus, Maria e o Diabo. A estrutura permanece, mas o tom que Villella imprime é o da comédia que não pede licença — humor ácido, estética exuberante, uma teatralidade barroca que é a marca registrada do diretor desde trabalhos como “Romeu e Julieta”, com o Grupo Galpão, e que aqui ganha um elemento novo e perturbador: a lama. “Vem na nossa pele a tragédia anunciada de Brumadinho e tantas outras que podem acontecer”, explica o próprio Villella. Esse tom terrível da lama atravessa os figurinos — em especial os dos dois protagonistas — e empresta à beleza visual um peso que o espetáculo não deixa o público esquecer.

A trilha, executada ao vivo pelos próprios atores, inclui Caetano Veloso, Maria Bethânia, Sérgio Sampaio e Zeca Baleiro dividem espaço em cena com Suassuna numa combinação que aposta no tropicalismo como chave de leitura para a obra. “Tocamos e cantamos várias canções brasileiras inspiradas no carnaval e no tropicalismo. A ironia que já existe no texto original é carregada na tinta e o que as pessoas vão assistir é uma peça que reflete o momento atual do Brasil, com suas controvérsias e peculiaridades que fazem de nosso país esse caldeirão singular de culturas”, resume Leonardo Rocha.

Nesse aspecto, o Maria Cutia aplica na prática uma de suas frentes de pesquisa mais consistentes:

o conceito de música-em-cena, que o grupo desenvolve há anos e que consiste em integrar dramaturgia e canção de modo orgânico.

Desde a estreia na Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto (SP), em 2019, a montagem já foi vista por mais de 20 mil espectadores e percorreu festivais em diferentes regiões do país, além de uma temporada no Sesc Pompeia, em São Paulo. Fundado em 2006, o grupo tem sede própria em Belo Horizonte, a Toca da Cutia, de onde parte para praças, parques e palcos do Brasil e do exterior — já foram seis países, 24 estados, mais de 250 cidades e um público acumulado superior a 800 mil pessoas.

Com mais de 45 espetáculos na carreira, Gabriel Villella construiu ao longo de décadas uma linguagem cênica em que o exagero não é defeito. A riqueza barroca de seus cenários e figurinos expressa a ideia de que o Brasil é excesso, contradição e cor, e que qualquer tentativa de representá-lo com economia de meios trai o que há de essencial em nós. Nessa montagem, essa visão encontra um parceiro à altura no repertório do Maria Cutia — um grupo que, desde o início, escolheu o popular como linguagem.

SERVIÇO

AUTO DA COMPADECIDA

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana)

De 5 a 29/2, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

Autoralidade com grife de dublê

Leva de thrillers pilotados por profissionais do perigo, como 'Missão Refúgio', de Ric Roman Waugh, renovam a representação da pancadaria feita por ferrabrases como Jason Statham

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A pesar da patrulha de que é vítima, à luz de aparelhos ideológicos da correção política, o nicho chamado “cinema de ação” encontrou um balão de oxigênio capaz de restaurar seu fôlego pro século 21, à luz da chegada de dublês à direção. Chad Stahelski é o mais notório deles, por ter sido o responsável pela mais brilhante franquia do gênero em anos a fio: a saga “John Wick” (2014-2023), que, no ano passado, inspirou um derivado, “Bailarina”. Vindo também de loucas aventuras em bastidores de blockbusters e filmes B, David Leitch conseguiu uma vitória de padrões históricos para os dublês-realizadores ao ser escalado para abrir o Festival de Locarno, na Suíça, em 2022, com “Trem-Bala”, estrelado por Brad Pitt.

Além dele e de Stahelski, tem outros nomes nessa seara, ainda não tão cacifados, mas já bem-vindos em Hollywood nos departamentos de produções de orçamento mediano, mas de ampla ambição estética quando o assunto é plastificar o trinômio “tiro, porrada e bomba”. Ric Roman Waugh é um deles, aliás, um dos melhores, não só no desenho de sequências de perseguição ousadas como no esforço de injetar humanidade nas tramas.

A proximidade com o perigo de sua carreira anterior, dando verossimilhança a sequências de risco vividas por Van Damme e Dolph Lundgren em “Soldado Universal”



Daniel Smith/Diamond Films



Lionsgate - Paris Filmes

Um agente que renegou o combate (Jason Statham) volta a se armar para salvar uma jovem (Bodhi Rae) em 'Missão Refúgio'

Foi com a franquia 'John Wick', de Chad Stahelski, que dublês passaram a revolucionar o cinema de ação

“Quero ir além do voyeurismo que transformou o cinema de ação em espetáculos de sadismo, de modo a investigar o humanismo. Ter sido dublê faz com que eu entenda de maneira íntima o risco que um astro de ação traduz nas telas e tento valorizar essa periculosidade sem me ater a ela”

RIC ROMAN WAUGH

(1992), assegurou a ele apreço pela representação da fragilidade e da falibilidade dos heróis. Há até uma marca autoral em sua obra como cineasta, iniciada em 2001 com “Na Sombra do Crime”, com Cuba

Gooding Jr.: falar do desamparo. Esse é o tema do frenético “Missão Refúgio” (“Shelter”), que estreia nesta quinta no Rio, ampliando uma receita hoje estimada em US\$ 42 milhões em sua bilheteria. No

papel central, vem o ferrabrás da vez do cinema: Jason Statham, dublado aqui por Armando Tiraboschi.

Sob o impacto de uma narrativa febril, que valoriza afetos na mesma medida em que arranca nosso fôlego, o circuito exibidor encontra componentes sentimentais diluídos em adrenalina nos planos de Waugh. Realizador de joias como o thriller “Sem Perdão” (2017), com Nikolaj Coster-Waldau, e o .doc “That Which I Love Destroys Me” (2015), ele executou, como dublê, missões de alta periculosidade (chamadas em Hollywood de stunts) em “Eles vivem” (1988) e “O Vingador do Futuro” (1990).

“Quero ir além do voyeurismo que transformou o cinema de ação em espetáculos de sadismo, de modo a investigar o humanismo. Ter sido dublê faz com que eu entenda de maneira íntima o risco que

um astro de ação traduz nas telas e tento valorizar essa periculosidade sem me ater a ela”, disse o diretor em entrevista ao Correio da Manhã, realizada em meio a compromissos como a franquia “Invasão ao Serviço Secreto”, lá em 2019.

Esse discurso se mantém quando se avalia o que ele filma hoje. “O que move uma narrativa de tiro e luta é o som. Os efeitos sonoros dimensionam o medo, a tensão”, diz Roman Waugh.

Embora tenha uma parceria longa com Gerard Butler, com quem rodou joias como “Missão de Sobrevivência” (“Kandahar”, 2023), Roman Waugh teve um outro vigilante profissional em “Missão Refúgio”. Monarca do “Domingo Maior” da TV Globo, herdeiro (sem laços sanguíneos) de Stallone no comando da franquia “Os Mercenários” e fetiche do diretor Guy Ritchie, Jason Statham totaliza cerca de 1,1 bilhão de euros com a receita das aulas de pancadaria (em forma de filme) que ministra desde “Carga Explosiva” (2002). Armando Tiraboschi é sua voz oficial na dublagem nacional. O talento GG do dublador faz Statham soar como um ator shakespeariano.

“Existem muitos cineastas com verve autoral com quem eu gostaria de trabalhar, mas, por vezes, na indústria, somos vistos a partir de certos prismas, ainda que, no prisma que estou, eu tente humanizar os personagens, explorando a solidão que existe neles”, disse Statham ao Correio da Manhã, quando lotava os cofres hollywoodianos de dólares com “Infiltrado” (“Wrath of Man”, 2021), que arrebatou as telas em meio à pandemia e pode ser visto hoje na plataforma Prime Video.

Em “Missão Refúgio”, o astro de “Megatubarão” (2018) vive Michael Mason, um assassino treinado pelo governo, lotado no grupo de elite Black Kites, que é assombrado por traumas do passado. Para se afastar do combate, opta por viver em completo isolamento em uma ilha remota da Escócia, longe de qualquer contato com o mundo, acompanhado apenas de seu cão. Todas as semanas, Mason recebe mantimentos de Jessie (Bodhi Rae Breathnach), uma jovem que chora a perda da mãe e que fica cada vez mais frustrada com o isolamento de seu cliente. Um dia, Jesse fica presa na ilha após uma tempestade. Mason cuida dela e vai ao continente comprar roupas, acidentalmente atraindo a atenção do seu antigo superior, Manafort (Bill Nighy, que envia uma equipe para eliminá-lo. No entanto, ele mata os homens e foge com Jessie para uma quinta escocesa, iniciando um jogo de gato e rato em prol de sua sobrevivência sob a mira do matador Workman (Bryan Vigier).

“Tento entregar ao público um herói mortal, não um deus, para que a identificação se dê pelo prisma da vulnerabilidade”, disse Waugh, quanto filmava seu maior sucesso “Destrução Final: O Último Refúgio” (2020).

Cacá Diegues, um monumento do cinema brasileiro

A inauguração de uma estátua em homenagem póstuma ao realizador, no Alto da Boa Vista, neste sábado, celebra um legado que levou nosso povo ao cinema... e ao Altíssimo



Gabriel Moreira/Divulgação

Cacá Diegues no set de filmagens de 'Deus Ainda é Brasileiro'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Fez um ano que o país chorou a morte de Carlos Diegues (1930-2025). Já é hora de verter o pranto em tributo... um tributo capaz de desafiar o tempo, como seus longas-metragens eram craques em desafiar, com a inauguração de um monumento com suas feições. Ele será erguido na Estrada da Gávea Pequena, na altura do número 1338, no Alto da Boa Vista. A estátua será inaugurada às 17h deste sábado, seguida de uma exibição do documentário “Para Vigo Me Voy”, de Karen Harley e Lírio Ferreira, que celebra o legado do artesão autoral alagoano. Vai ter um tantão de gente lá, para provar que o Cacá era um país.

O Brasil em peso cabia em seu “Trem Para As Estrelas” (1987) e na sua Caravana Rolidei, de “Bye Bye Brasil” (1980). Esses dois títulos foram exibidos por ele no Festival de Cannes, em competição pela Palma de Ouro, em sintonia com seu empenho de mostrar ao mundo que a maior riqueza de uma nação é seu povo. Nele, ninguém é um só.

Intérprete das feridas narcísicas do país em seu trabalho dominical como cronista em O Globo e em sua inestimável filmografia, o cineasta alagoano atravessou seis décadas a estudar as solidões que nos cercam.

Até o Todo-Poderoso, em seu



Divulgação

Cena de 'Para Vigo me Voy', que foca na trajetória do cineasta

“No auge do governo Bolsonaro, nos dias de pandemia, só conseguia pensar que uma comédia poderia nos ajudar e fui pelo caminho do riso, pois ele nos ajuda a pensar”

CACÁ DIEGUES

“Deus É Brasileiro” (sucesso de público de 2003, com 1,3 milhão de pagantes), é uma entidade solitária, que vaga pela Terra em busca de sentido. A palavra “solitária” era o adje-

tivo que melhor descrevia a alma da personagem de Jeanne Moreau em seu “Joanna Francesa”, de 1973, pois a companhia de consorte algum apaziguava o vazio de seu desterro.

A Xica da Silva de Cacá era assim também. Mesmo com uma corte à sua volta, a protagonista do mais bem-sucedido blockbuster do diretor - com 3,5 milhões de ingressos vendidos, corado com os Candangos de Melhor Filme e Melhor Direção em Brasília - carrega em seus gestos libertários a sombra da exclusão.

Mesma sombra se configura como inimiga dos heróis retratados por Cacá em “Ganga Zumba” (1963) e “Quilombo” (1984), títulos com os quais o diretor - um homem branco - desafiou a política de segregação pela cor da pele vigente na dinâmica do racismo institucional brasileiro.

Ele foi pioneiro nesse gesto, abrindo espaço para que pessoas pretas de todo o país se vissem representados como guerreiros reativos e, não, subalternos. Mas a solidão está sempre ali, no reflexo do fato de sermos o único território latino nas Américas a ser colonizado sob a língua portuguesa, e não pelo espanhol disseminado entre nuestros hermanos de continente.

Imortalizado também na literatura, como integrante da Academia Brasileira de Letras (ABL), Cacá esteve sempre atento ao não pertencimento e à desconexão, não por sentimentalismos em relação ao vazio, ao sofrimento, mas, sim, por uma preocupação sociológica com o desamparo que nos ameaça, sempre. “As pessoas que deixam as cidades onde nasceram para ganhar mundo passam a vida carregando esses

lugares consigo, um pouco como eu sempre levei Alagoas comigo, onde quer que estive. Ela me ajuda a entender quem eu sou. Faço filmes para entender que povo a gente é”, disse Cacá, ao Correio da Manhã, em Maceió, no set de “Deus Ainda É Brasileiro”, seu canto de cisne, que está em finalização.

Ele definia a produção - que foi rodada em 2022, em meio à Copa do Mundo, mas entra agora em seus finalmentes - com a expressão “uma comédia cívica”. Na trama, o Deus encarnado por Antonio Fagundes volta ao Nordeste com o intuito de acabar com tudo no planeta, insatisfeito com os rumos da Humanidade. Descrevendo o enredo assim, o personagem central parece ser o Altíssimo, mas, na prática, o pavimento da narrativa são as mulheres que ensinam ao Senhor o que é resiliência na Terra.

“No auge do governo Bolsonaro, nos dias de pandemia, só conseguia pensar que uma comédia poderia nos ajudar e fui pelo caminho do riso, pois ele nos ajuda a pensar”, disse Cacá ao Correio da Manhã, nas filmagens. “Não se trata de uma comédia pura e simples, no sentido de fazer rir despropositadamente. Eu diria que este filme é uma comédia humanista, uma crônica do que está diante de nossos olhos e, ao mesmo tempo, que nos faz rir, nos indicando caminhos mais adequados nesse momento difícil da humanidade”.

Longa vida aí no Infinito, Cacá.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Um fantasma que circula livremente

EM 12 DE ABRIL, FAZ CINQUENTA ANOS que João Francisco dos Santos morreu. Cinquenta anos desde que o corpo ficou na Ilha Grande e o resto - a lenda, o escândalo, a má reputação - se recusou a acompanhar. O Rio de Janeiro é especialista nisso: enterrar pessoas e manter os fantasmas circulando livremente pela cidade. João nasceu em Pernambuco, como manda o registro e a geografia. Madame Satã, não.

MADAME SATÃ NASCEU NA LAPA, parido pela noite, pelo excesso, pela necessidade de sobreviver num lugar onde a polícia confundia ordem com pancada e moral com conveniência. Satã não foi invenção artística nem personagem folclórico: foi resposta. Um corpo em permanente estado de defesa.

NEGRO, POBRE, HOMOSSEXUAL, TRANSFORMISTA, boêmio e brigão - tudo ao mesmo tempo, num Brasil que mal tolerava uma dessas condições isoladamente. Madame Satã foi a soma do que não devia existir. Por isso apanhou, foi preso, voltou a apanhar, voltou a ser preso. A ficha criminal virou currículo involuntário. A marginalidade, endereço fixo.

ANTES QUE A PALAVRA “DIVERSIDADE” FOSSE descoberta por publicitários, Satã já pagava caro por ela. Antes que existisse qualquer ideia de orgulho, ele já sobrevivia na base da coragem bruta. Talvez por isso tenha sido, sem discurso e sem militância organizada, o primeiro grande ícone gay do Brasil urbano. Não por escolha estética, mas por insistência vital.

CINCO DÉCADAS DEPOIS DE SUA MORTE, o país resolveu se mexer.

Um pesquisador da UFRJ, Baltazar de Almeida, propôs que o túmulo de Madame Satã seja reconhecido como patrimônio cultural imaterial LGBTQIA+. É bonito. É simbólico. E é profundamente irônico. O mesmo Estado que perseguiu João Francisco em vida agora cogita protegê-lo depois de morto. Com processo. Com carimbo.

MADAME SATÃ, PATRIMÔNIO. O HOMEM QUE nunca coube em cela, em norma ou em bom comportamento agora precisa caber num parecer técnico. O Brasil tenta, atrasado como sempre, transformar rebeldia em memória administrável. Mas Satã não foi feito para virar placa. Foi feito para circular.

PARA INCOMODAR. PARA LEMBRAR QUE o Rio de Janeiro não nasceu da ordem, mas da desordem organizada; não da virtude, mas da sobrevivência. Seu legado não está apenas numa sepultura da Ilha Grande, mas em cada esquina onde a hipocrisia ainda finge susto diante da diferença.

CINQUENTA ANOS DEPOIS, MADAME SATÃ segue vivo exatamente porque nunca foi aceitável por quem faz as normas. E talvez essa seja sua maior herança: provar que algumas figuras não existem para serem celebradas em silêncio, mas para continuar fazendo barulho - mesmo depois de mortas.



Madame Satã não foi feito para virar placa. Foi feito para circular. Para incomodar.

Um retrato sonoro da maturidade

Com voz cristalina e sensibilidade acústica, a cantora portuguesa Maro lança álbum gravado no Brasil

AFFONSO NUNES

Um retrato íntimo de amadurecimento artístico e pessoal é uma definição adequada para “So Much Has Changed”, novo álbum da cantora e compositora portuguesa Maro. Revelação da nova música de seu país, ela canta transformações emocionais, fruto de suas vivências pessoais e artísticas em canções com letra em inglês.

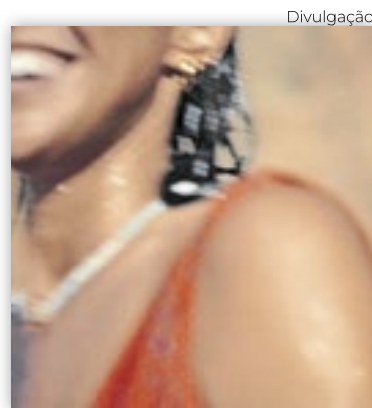
Gravado inteiramente no Brasil, no estúdio Gargolândia, em Alambari (SP), o disco combina folk, pop e world music em uma paleta acústica diversificada. Arranjos tecidos por violão, piano e com leves texturas eletrônicas emolduram 10 faixas em tom confessional. “Esta música encapsula o capítulo da vida em que estou e, consequentemente, todo o álbum. É uma carta à minha versão mais jovem, a falar sobre o sol depois da tempestade. Um sorriso orgulhoso para a criança interior. A vida é boa e está tudo bem”, explica a cantora ao falar da faixa-título.

O nono álbum da carreira é marcado pela introspecção, pela gratidão e pela consciência do caminho percorrido — tudo costurado por uma visão otimista. Aos 31 anos, a artista demonstra controle e sensibilidade interpretativa. A clareza do timbre se destaca nas passagens mais contidas, onde pequenas inflexões emocionais transformam versos simples em momentos pungentes. “Cheguei ao estúdio com dez canções prontas e, nos dois primeiros dias, escrevi mais oito. Saí em turnê, guardei tudo, mas já sabia que era aquilo que eu queria fazer”, conta.

Nascida em Lisboa em 1994, Maro cresceu ouvindo as vozes que marcaram gerações — João Gilberto, Elis Regina, Chico



Aos 31 anos, Maro é uma das boas revelações da nova música portuguesa e lança ‘So Much Has Changed’



“Cheguei ao estúdio com dez canções prontas e, nos dois primeiros dias, escrevi mais oito. Saí em turnê, guardei tudo, mas já sabia que era aquilo que eu queria fazer”

MARO

Buarque, Milton Nascimento e Caetano Veloso eram referências constantes em casa. Foi ao ouvir “Cais”, na interpretação de Milton Nascimento, que decidiu seguir a música e ingressou na Berklee College of Music, em Boston. A carreira ganhou fôlego a partir de 2018. Três anos atrás, chegou à final do Eurovision com “Saudade, Saudade”, que ficou no Top 10, e hoje soma quase 2 milhões de ouvintes mensais no Spotify.

A ligação com o Brasil é antiga e sólida. Em 2019, integrando a banda de Jacob Collier em turnê por São Paulo, conheceu a família Altério. A proximidade com Pedro Altério, da banda 5 a Seco, e com o estúdio do pai Rafael Altério gerou uma relação artística e afetiva duradoura. No novo álbum, Gabriel Altério assina a bateria e Pedro, a guitarra. A coprodução ficou com Nasaya, que também toca baixo.

So Much Has Changed chega na sequência do aclamado “Hortela” (2023), vencedor do Prémio José Afonso na categoria Álbum Português do Ano. Maro inicia agora uma turnê mundial para apresentar o trabalho.

É sempre hora de ouvir **‘Os Afro-Sambas’**

Marcos Sacramento e Zé Paulo Becker celebram no Manouche os 60 anos da obra-prima Baden Powell e Vinicius de Moraes

AFFONSO NUNES

Gravado em 3 de janeiro de 1966 e lançado no em fevereiro daquele ano pela gravadora Forma, Os Afro-Sambas nasceu de um encantamento compartilhado. Baden Powell e Vinicius de Moraes tinham ido à Bahia e voltado tomados pela musicalidade do candomblé e do samba de roda — tanto que chegaram a morar juntos por quase três meses, escrevendo sem parar. O resultado? Uma revolucionária fusão entre



Marcos Sacramento e Zé Paulo Becker contam que levaram anos planejando o espetáculo

o samba, a bossa nova e as raízes africanas do Brasil, mediada pela percussão religiosa dos atabaques, afoxés e agogôs, pelos sopros

de Copinha e pelos arranjos do maestro César Guerra-Peixe, com o Quarteto em Cy nos vocais. “Os Afro-Sambas deu à cena

musical brasileira uma sonoridade envolvente fora de qualquer categoria existente até então. Suas oito faixas, sem exceção, se

tornaram standards. “Canto de Ossanha” - mais popular delas - figura entre as dez maiores músicas brasileiras de todos os tempos segundo a Rolling Stone Brasil. E “Tempo de Amor” ganhou uma das versões mais memoráveis de Elis Regina.

Para celebrar esse aniversário, o cantor Marcos Sacramento e o violonista Zé Paulo Becker sobem ao palco do Manouche nesta quinta-feira (5) com o espetáculo “Afro-Sambas 60 anos”. Os ingressos estão esgotados. Em formato voz e violão, a dupla revisita na íntegra o repertório do álbum e amplia a experiência com canções que orbitam o mesmo universo, como “Berimbau” e “Labareda”. O show, revela a dupla, foi amadurecido ao longo de mais de uma década.

Com 21 discos lançados, prêmios e turnês internacionais, Sacramento domina a divisão do samba como poucos. Responsável pelos arranjos e pela direção musical do espetáculo, Becker construiu trajetória respeitada como solista e como integrante do Trio Madeira Brasil, acumulando 11 discos e colaborações com Ney Matogrosso e Elza Soares. “Baden foi fundamental para levar o violão brasileiro a novos horizontes e afirmar sua grandeza como compositor popular”, destaca o músico.

SERVIÇO
MARCOS SACRAMENTO E ZÉ PAULO BECKER - AFRO-SAMBAS 60 ANOS

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
5/3, às 21h
Ingressos esgotados

ROTEIRO MUSICAL

POR A F F O N S O N U N E S



Revelação jazzística

A cantora e compositora Juliane Gamboa apresenta o álbum de estreia Jazzwoman, indicado ao Grammy Latino 2025 na categoria Artista Revelação, nesta quinta-feira (5), às 20h, no Blue Note Rio. Parte das celebrações da casa do mês da mulher, o show reúne composições autorais e releituras de clássicos de Jovelina Pérola Negra e Billie Holiday, com temática centrada na espiritualidade da mulher negra. A banda é formada por Bruno Repsold (baixo), Antonio Fisher (piano), Fofó Black (bateria) e Pitter Rocha (guitarra).



Nas cores de Caymmi

A cantora Fabiana Cozza e o pianista Gilson Peranzetta sobem ao palco do Espaço BNDES nesta quinta (5), às 19h, com o projeto Cores de Caymmi. O show presta tributo a Dorival Caymmi (1914–2008), cantor e compositor baiano que eternizou o mar, os pescadores e a alma da Bahia em clássicos como “O Que É Que a Baiana Tem?” e “Saudade da Bahia”. A apresentação também celebra os 80 anos de Peranzetta e os 50 de Cozza, que unem suas carreiras neste tributo à obra de um dos maiores pilares da MPB. Grátis



Bossa à moda coreana

Radicada no Rio, a cantora sul-coreana Yumi Park desponta como uma das intérpretes mais expressivas e aclamadas da cena jazzística carioca. Reconhecida pela excelência vocal e pela rara intensidade visceral que entrega a cada canção em show com suas versões para clássicos da Bossa Nova e do Samba Jazz nas quintas-feiras deste mês, sempre às 21h, no Beco das Garrafas. A cada noite, Yumi sobe ao palco acompanhada de músicos convidados diferentes que renovam o repertório a cada apresentação.



Um mapa mundi coberto por musgo: uma mensagem alarmante sobre o futuro do planeta

Uma exposição desconfortável

Exposição imersiva do Projeto Coral Vivo chega ao Rio com 150 m² de ciência, arte e urgência climática



A exposição foi vista por 35 mil pessoas em Belém durante a realização da COP 30

AFFONSO NUNES

Antes mesmo de entrar, o visitante já é avisado: o que está prestes a ver não é ficção. Três telas exibem eventos extremos — enchentes, secas, queimadas — que já fazem parte do cotidiano de milhões de pessoas ao redor do mundo. Aler-

ta feito, a exposição “Mudamos o Clima, Agora o Clima Muda Tudo” conduz o público por um percurso imersivo no qual arte e ciência caminham juntas para abrir nossas mentes sobre uma realidade nada confortável para os habitantes do planeta.

Idealizada pelo Projeto Coral Vivo — referência nacional em conservação costeira e marinha —, a mostra chega ao Rio pela



O branqueamento dos corais compromete a complexidade dos recifes com reflexos graves na atividade pesqueira afetando a renda de comunidades costeiras

primeira vez. Depois de atrair mais de 35 mil visitantes durante a COP30, em Belém, a exposição ocupa o Futuros – Arte e Tecnologia, no Flamengo, a partir desta sexta sextade 6 de março a 26 de abril de 2026, com entrada gratuita. Na sequência, segue em itinerância pela Bahia e São Paulo.

Com mais de 150 m² de instalações, a mostra reúne esculturas, painéis interativos, vídeos, experiências em realidade virtual e uma estufa viva com 500 mudas nativas. A direção de arte, expografia e comunicação visual são assinadas pelo Estúdio Bijari, e a curadoria foi desenvolvida em parceria com representantes do Ministério do Meio Ambiente, do INPE, do Instituto Oceanográfico da USP, da UERJ, da UFPA e do Instituto Meros do Brasil.

O percurso começa pelos fundamentos científicos das mudanças climáticas — efeito estufa, aquecimento global, eventos extremos —, avança pelos impactos concretos nos ecossistemas e nas populações mais vulneráveis, e termina apontando caminhos. Um mapa-múndi coberto por musgo vivo simboliza a resiliência do planeta. A estufa com mudas nativas convida à ação concreta. A narrativa, construída camada a camada, não poupa o visitante da dimensão da crise, mas tampouco o deixa sem saída.

O contexto científico que embasa a mostra é grave. O mais completo estudo já realizado sobre o branqueamento de corais no Brasil, publicado na revista Coral Reefs e coordenado pelo Projeto Coral Vivo em parceria com 20 instituições nacionais e internacionais, revelou que, em 2024, até 96% dos corais em Maragogi (AL) apresentaram branqueamento — e 88% morreram. No total, 36% dos corais avaliados ao longo de mais de quatro mil quilômetros do litoral brasileiro apresentaram algum grau de branqueamento.

“O Rio vem sentindo cada vez mais forte os efeitos das mudanças climáticas, como ondas de calor e grandes volumes de chuva em um curto período, resultando em máximas históricas de temperatura e inundações. Entender que os ecossistemas estão todos conectados e que somos parte dessa equação é uma porta de entrada para estimular a conservação ambiental”, destaca Para Iamê de Sá, gerente do Projeto Coral Vivo no Rio de Janeiro.

SERVIÇO

MUDAMOS O CLIMA, AGORA O CLIMA MUDA TUDO

Futuros – Arte e Tecnologia
(Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo)

De 6/3 a 26/4, de quarta a domingo (11h às 20h)
Entrada franca